1.º anno — Lisboa, 1 de setembro de 1884 — Numero 10

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha, D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

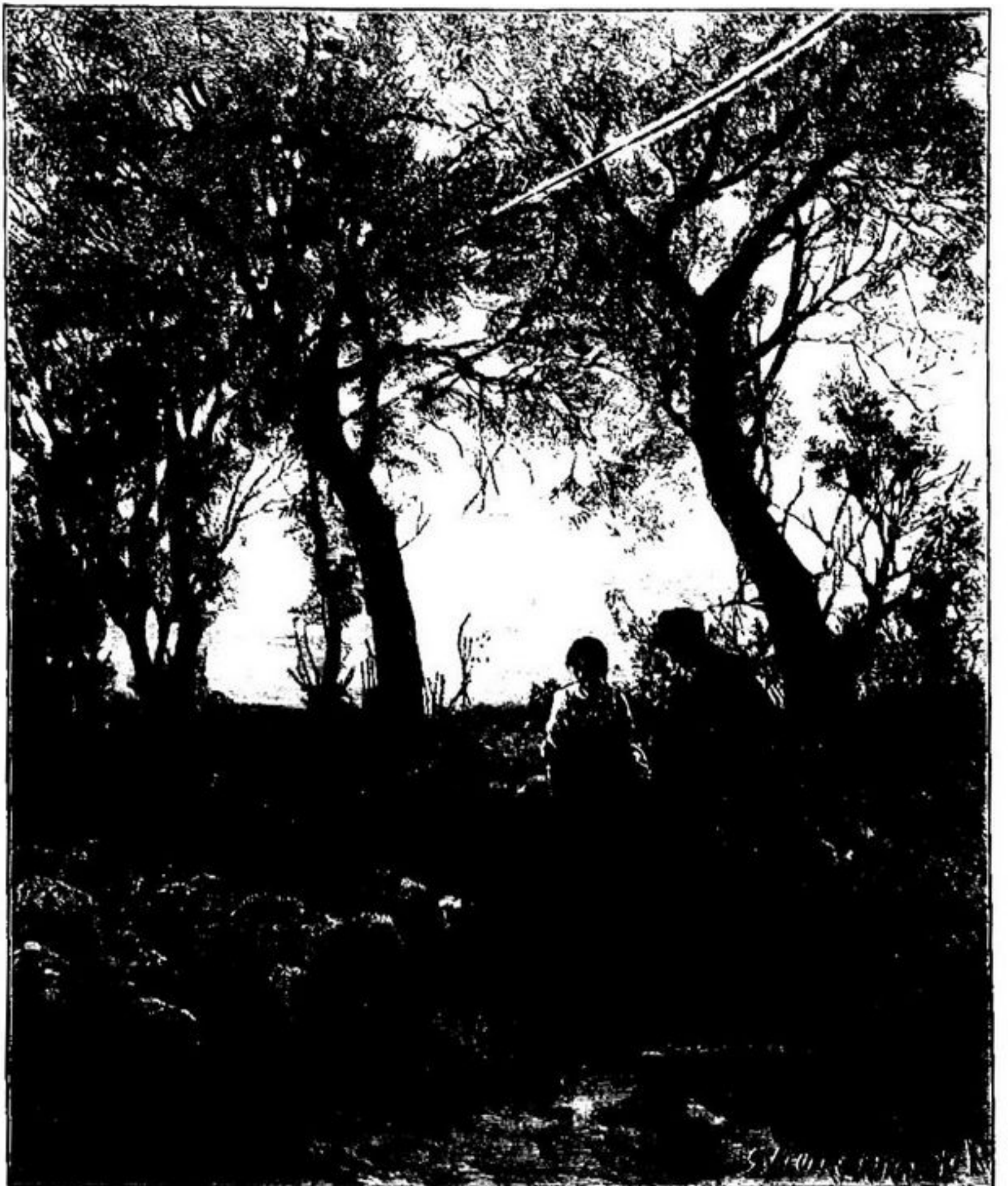
SUMMARIO

CHRONICA

Assalta-nos o receio de iniciar hoje a chronica descambando inconscientemente no declive da politica, d'essa malvada politica indigena, tão carrancuda e tão virulenta, que transforma, para muitos, em horrendos monstros, figuras sympathicas e esbeltas como a de Magalhães Lima.

Sem sabermos porque, invadem-nos uns temores pueris, ao traçar sobre a alvura do papel os primeiros lineamentos d'esta palestra semanal, entretida, *bon gré mal gré*, com os leitores da *Illustração Portugueza*, quer elles se não encontrem em disposições para nos dar trélla, quer nós nos não sintamos propensos ás delicias do cavaco ameno, diante de bons e máos, perante um publico numeroso e irrequieto, que póde pensar de modo diverso, que tem opiniões differentes das nossas, que encara, muitas vezes, os factos sujeitos á critica, atravez d'um prisma pelo qual nós não soubemos ou não quizemos analysal-os.

Á TARDE, AO POR DO SOL

Em verdade, é difficil vir para aqui, para este socegado cantinho da chronica alegre e brincalhona, tendo-se primeiramente de alijar, á porta, a bagagem pezada de adjectivos de combate, que nos acabaram de servir na elaboração d'um artigo politico, e narrar despreoccupadamente, facetamente, de animo sereno e imperturbavel, em prosa chã, que não fira gregos nem troyanos, successos da ultima hora mais ou menos censuraveis, acontecimentos do dia verberados horas antes, pela nossa mesma penna, em publicações d'outra indole.

E' difficil, mas tem de fazer-se: exige-o a feição jovial d'este

semanario; ordena-o o enfado naturalissimo das leitoras, que ha bons oito dias não ouvem senão queixas, doestos, recriminações e injurias, a proposito da manifestação republicana perante o humilde tumulo de Fernandes Thomaz.

Demonio!

Lá cahimos nós irreflectidamente no assumpto perigoso, apesar dos nossos receios mais que justificados.

Pois agora é ir para diante.

O que tem de ser, seja.

Uma simples corôa de bronze que se projectava collocar sobre a campa modesta do grande liberal, e um vistoso cortejo civico preparado em honra do morto illustre, foram as causas occasionaes de todo esse barulho, que encheu a semana, de principio a fim, com os echos mal soantes de muitos odios partidarios, de muitos rancores manifestados em longos artigos de fundo, de muita rhetorica indignada, vendida a dez réis pelos *gavroches* descalços, no mac-adam da Baixa.

Ora vejam como d'uma insignificante faisca nasce um incendio, como d'uma pequenina gotta d'agua se gera uma tempestade!

A corôa de bronze estava prompta.

Os republicanos, com o sr. Magalhães Lima á frente, achavam-se preparados para exhibir a gentileza e o garbo do seu directorio, n'um longo passeio desde o Terreiro do Paço até ao cemiterio occidental.

As phylarmonicas sabiam de côr hymnos festivos ensaiados durantes mezes.

Estandartes de variadissimas côres alegres, a meio dos quaes mão artistica bordára, em lettras d'ouro muito garridas, diversos lemmas democraticos, aguardavam impacientes o momento de se bandearem nas ruas, enfunados pela brisa da tarde.

Tudo estava a postos, radiante de jubilo, sedento de festa.

Vae senão quando a policia, a feroz policia, que se arvorou em desmancha-prazeres, dá-lhe á ultima hora na tineta para chamar os promotores do cortejo e para exigir d'elles que firmassem um termo qualquer, responsabilisando-se pela ordem publica.

O sr. Magalhães Lima não assignou o termo requerido, e ninguem quiz tomar sobre os hombros o peso d'aquella dura responsabilidade.

D'ahi, o veto posto á realisação do cortejo civico republicano, e o logro pregado a muitas alminhas de Deus caritativas, que esperavam fazer negocio honesto com as janellas dos seus penates, alugando-as, por preços fabulosos.... em honra de Fernandes Thomaz.

D'ahi, finalmente, um «dize tu direi eu» jornalistico, eivado de ameaças e de palavras feias.

Mas a corôa de bronze, a famosa corôa não podia ficar esquecida a um canto, e o heroe da revolução de 1820 expunha-se a fazer uma triste figura lá no outro mundo, diante de outros heroes egualmente grandes da Historia, se cá em baixo, na Parvenia, depois de tanto barulho e de tantos programmas de festa arremessados a publicidade, não fossem, ao menos, depôr-lhe uns tristes loiros sobre a campa, espalhar-lhe sobre o jazigo humilde umas simples flores de rhetorica:

«Que homem és tu,—diriam os collegas d'além-tumulo ao famoso liberal,—que se desorganisam e prohibem as procissões civicas em tua honra?

Camões foi mais feliz, apesar de ter só um olho, e o Sebastião de Carvalho e Mello, a despeito do que disseram d'elle, conseguiu o que tu não consegues!»

E o pobre Fernandes Thomaz, o grande e famoso patriota a quem este pequenino Portugal tanto deve, sentir-se-ia córar de vergonha, vendo que o sr. Manuel d'Arriaga não lhe consagrava um discurso repassado de lagrimas, e que o sr. Magalhães Lima, em nome dos democratas de 84, não punha para ali a corôa promettida, ferrando um *cão* monstruoso á sua respeitabilissima e veneranda memoria.

Compenetrando-se de quanto n'esta situação havia de ridiculo para o ousado liberal desfeito em cinzas, o directorio do partido republicano, custasse o que custasse, resolveu ir ao cemiterio dos Prazeres, e convidou os seus correligionarios da capital a encontrarem-se ali com elle.

Se houvesse tumultos, se alguem cahisse por terra, na lucta com a auctoridade e com a lei, o local não podia ser mais de feição para dar jazida aos vencidos. Fernandes Thomaz teria sorrisos de jubilo, vendo, por companheiros no tumulo, os promotores da mallograda procissão civica em sua honra.

Foi tudo ao cemiterio; tudo.

Os estandartes arrancaram-se das lanças e enrolaram-se ao pescoço dos manifestantes.

Appareceu a sr. D. Angelina Vidal exhibindo trajes de côr apropriada a situação.

Proferiram-se discursos patrioticos.

Na força do enthusiasmo, alguem fez uma *saude* á memoria de Fernandes Thomaz.

Não houve disturbios, nem conflictos, nem mortes, mas as cruzes que assignalavam muita campa rasa do cemiterio, ficaram feitas pedaços; varias coroas de perpetuas, orvalhadas por muitas lagrimas de saudade amarissima, com que o respeito dos vivos costuma enfeitar a ultima jazida dos que lhe fôram caros, desappareceram d'ali, desfeitas pela turba-multa dos curiosos.

Houve mausoleos partidos, flores calcadas a pés, logares santos profanados, mas Fernandes Thomaz não passou sem ter a sua apotheose e os republicanos sem fazerem a sua festa.

No dia seguinte, o directorio do partido democratico celebrou o acontecimento da vespera com um banquete.

A sr.ª D. Angelina Vidal não assistiu.

N'este jantar commemorativo, como no acampamento do duquezinho de Parthenay, não houve mulheres.

«Pas de femmes,
pas de femmes!»

==A' mesma hora em que, na capital, se desenrolavam os successos narrados, junto de Cintra, no campo historico e vastissimo dos Setiaes, um bando de alegres creanças exercia a caridade pelo modo mais sympathico, em favor dos desventurados de Caparica.

Não se glorificavam ali *mortos illustres*, que já teem o seu nome escripto em caracteres de ouro, indeleveis, nos annaes da Historia; não se entreteciam corôas votadas á memoria de vultos gigantescos, que dormem, desde muito, o somno eterno, nos seus tumulos singelos, abençoados pela patria saudosa e reconhecida.

No campo dos Setiaes tratava-se de soccorrer os *vivos sem pão nem lar*, obra altamente meritoria, que não tem a mais leve significação politica, e que, por isso mesmo, inspira de preferencia as nossas sympathias e os nossos louvores.

Uma corrida de tourinhas foi o pretexto para se colher a esmola destinada aos infelizes desabrigados e famintos.

«Vinde a mim—disse a caridade representada pela infancia bemfazeja—e deixae-me o vosso obolo.

«Não vos dou conflictos, nem agitação, nem odios intensos, nem contendas jornalisticas.

«Folgando e rindo, pratico um acto bem mais util e proveitoso que todas as homenagens prestadas aos benemeritos defunctos!»

E assim foi. E a policia não teve de intervir n'aquella festa de creanças, nem de exigir garantias de ordem.

A caridade repelle o tumulto; não soube jámais congraçar-se com elle.

E, como era de caridade a festa, como havia infortunios a suavizar, a realeza não deixou de ter representação no acto nobilissimo.

E ahi está como uma simples corrida de tourinhas a favor dos pobres que vivem sem amparo, pode deixar gravadas no espirito mais doces recordações, que uma ruidosa apotheose em honra dos vultos que morreram, cercados de bençãos e de conforto!

C. Dantas.

A MARTINHADA

Fallemos ainda hoje, muito ao correr da penna, e baseando-nos na obra valiosissima do sr. Clemente dos Santos, n'um dos episodios mais curiosos d'essa revolução de Vinte, tão mal estudada e tão mal conhecida ainda entre nós, revolução verdadeiramente heroica e sublime, revolução, porém, imprudentemente encaminhada, e que por isso tinha de ter um desfecho fatal, como infelizmente veiu a ter.

O governo provisorio publicára em 31 de outubro umas instrucções para a eleição de deputados, que não foram bem acolhidas. D'ahi se originou inquietação em Lisboa, e os generaes tomaram a palavra.

Um dos defeitos da revolução de 1820 e em geral de todas as revoluções portuguezas, foi sempre o papel activo desempenhado pela força armada.

Reuniram-se, pois, os commandantes das diversas forças militares, e dirigiram uma representação ao governo exigindo, que se jurasse desde logo a constituição hespanhola. Entre os nomes d'estes revolucionarios impacientes pela adopção immediata de uma constituição largamente democratica em Portugal, não ficará o leitor pouco espantado de encontrar os seguintes:

Gaspar Teixeira, o chefe do movimento, que foi depois um dos generaes de D. Miguel; Telles Jordão, o tristemente famigerado carcereiro dos liberaes, e o marechal de campo, Povoas, outro general miguelista, e dos mais celebres.

Os officiaes intimaram a sua vontade ao governo, no dia 11 de novembro, e as tropas formaram no Rocio, promptas para a revolta. Por se ter dado essa evolução politica no dia de S. Martinho, ficou depois conhecida pelo nome de *Martinhada*.

O povo assistiu indifferente e quasi assustado a esse novo movimento. Confeçava a ser da opinião do padre de quem fallámos n'um artigo antecedente. E seriam sinceramente democraticas as opiniões dos chefes do movimento? O que é certo é que a primei-

ra consequencia que elle teve foi demittirem-se de membros do governo, por desaccordo com o vice-presidente, general Silveira, os seguintes vogaes: Manuel Fernandes Thomaz, Hermano José Braamcamp do Sobral, fr. Francisco de S. Luiz, e José Joaquim Ferreira de Moura.

Esta noticia deu que reflectir ao povo e á tropa. Ninguem podia duvidar dos sentimentos liberaes e das idéas democraticas de Fernandes Thomaz. Como podia, portanto, recusar-se a acceitar a constituição de Hespanha, tão democratica e tão liberal? *Latebat anguis.* No dia 17 de novembro tornaram-se a reunir exactamente os mesmos manifestantes, e dirigiram uma nova intimação ao governo para que os membros demissionarios retirassem a sua demissão e para que, adoptando-se o methodo eleitoral que se adoptára em Hespanha, se desistisse comtudo de se pôr em pratica a constituição adoptada no mesmo paiz. Assim, voltaram ao seio do governo os membros demissionarios. Antonio da Silveira pediu não a sua demissão, mas uma licença para se ir tratar, o que equivalia a demittir-se, porque, dentro em poucos dias, tinham de expirar naturalmente, com a reunião das côrtes, os poderes do governo. Julgou porém depois que seria mais acertado continuar a comparecer nas sessões. Esse episodio todo é extremamente curioso.

Vendo a demissão de Fernandes Thomaz muito mal acolhida pelo povo, Antonio da Silveira percebeu que se lhe tinham mallogrado os planos, e officiou á junta, nos seguintes termos:

«A febre nervosa que soffro ha muitos dias tem-se aggravado de forma que arrisca e muito a minha vida, segundo o voto do habil facultativo que me trata, se eu não sair com brevidade para os ares de campo, aonde possa tomar os remedios proprios d'esta perigosa molestia; não podendo, por isso, continuar as honrosas funcções que exercia n'esse governo, antes de trinta ou quarenta dias, e devendo ellas cessar legalmente dentro d'este espaço de tempo, pela convocação das proximas côrtes, não pode ser julgada intempestiva, nem mal fundada a demissão, que agora peço, para poder ir recuperar, em quanto é tempo, nos ares patrios, a minha saude perdida.»

Em nome da junta respondeu-lhe José Manoel Ferreira de Sousa e Castro que se lhe não podia acceitar nem negar a demissão pedida. «O tratamento, porém, da saude de v. ex.ª poderá legitimar aquillo que a junta provisional do governo não póde conceder, e este folgará com a boa nova do restabelecimento de v. ex.ª».

O que faz Antonio da Silveira? Manda declarar no *Diario do Governo* que a sua saude tem melhorado muito desde o dia 17, e officia á junta, dizendo-lhe:

«Na impossibilidade de obter a demissão que a minha saude necessita, ou ao menos uma licença de vinte ou trinta dias para ir tomar os ares do campo, eu me resigno a estas circumstancias; e consequentemente, no mesmo instante em que me fôr permittido pelo habil facultativo que me trata, irei continuar as minhas funcções quanto me fôr possivel.»

Este *habil facultativo*, que Antonio da Silveira apresenta sempre na frente, e que representa em toda esta correspondencia um papel de verdadeiro pedaço d'asno, é um dos personagens mais comicos d'este comico episodio.

Em presença d'esta resolução, que não agradava á junta, acabaram-se as meias palavras, as formulas adocicadas, e a junta, que não queria receber a demissão de Antonio da Silveira, e que apenas o que tinha era o mais vivo interesse pela saude d'este digno general, em vez de se alegrar com a fausta noticia do seu rapido restabelecimento, devido de certo ao seu *habil facultativo*, fulminou o pobre Antonio da Silveira com o seguinte officio:

«Ill.mo e Ex.mo Sr.—Tendo v. ex.ª pedido no dia 16 do corrente a sua demissão, e na falta d'esta a licença pelo tempo da existencia do actual governo provisorio, e, não se podendo duvidar depois d'este passo dado por v. ex.ª, e da resposta que em consequencia d'elle recebeu, que a sua vontade fosse não tornar a occupar mais o logar que tinha no mesmo governo, principalmente depois de ser em vista do resultado dos acontecimentos que foram publicos n'esta capital em o referido dia e nos antecedentes; e constando agora que v. ex.ª, sem embargo d'isso, projectava voltar hoje ao exercicio das suas funcções que tão solemnemente abdicára, e que já lhe não era permittido reassumir sem manifesta contradicção com o seu proprio facto, e sem uma inevitavel perturbação da ordem e socego publico da mesma capital, ameaçada de horrorosa calamidade por tão inesperado successo, a junta provisional do supremo governo do reino, em attenção ao referido, e a que, só na certeza de tal abdicação, foi que os quatro membros do governo, chamados novamente a elle, convieram em continuar a servir a patria na posição em que os deixára o dia 10 do corrente, ordena, em exercicio do poder que a nação lhe confiára, que v. ex.ª saia em duas horas d'esta cidade para a sua quinta de Canellas, na comarca de Villa Real, não se demorando em parte alguma senão aquelle tempo que fôr necessario para sua commodidade em jornadas regulares, participando pela secretaria competente a sua chegada, e ficando em intelligencia de que, sem licença da junta, não deve sair mais da mesma quinta.»

Não sabemos o que disse o *habil facultativo*, mas assim se poz termo ao desgraçado episodio da *martinhada*, triste presagio do destino que havia de ter a revolução de 1820. Mostrava elle que a tropa estava á mercê dos seus chefes supremos, e que não hesitava em impôr á nação a vontade dos seus generaes, e estes, com seis dias de differença, procederam de modo diametralmente opposto. Este comico incidente da demissão de Antonio da Silveira veiu tambem revelar um outro vicio da Revolução—o vicio das formulas assucaradas. Nós, os Portuguezes, que nos insultamos uns aos outros com o maior desplante em papeis anonymos, quando nos dirigimos uns aos outros verbalmente, ou por communicação escripta directa, somos de uma doçura enjoativa. Vejam o tempo que a junta gastou e fez gastar a Antonio da Silveira antes de tomar a resolução de lhe communicar uma ordem positiva e clara. Foi esse mesmo systema comprimenteiro que demorou a acção das côrtes, que devia ser energica, rapida e decisiva, quando veiu a contra-revolução de 1823.

Pinheiro Chagas.

A FLOR DO LAGO

Era uma vez um crystallino lago
E d'elle á beira debruçada flor;
Que linda flor de namorado afago!
Que lago aquelle de encantado amor!

Ella mirava-se estampada na agua,
Elle entranhava a retratada flor;
Ella por dar-se nem sonhava magua,
Elle por tel-a só sonhava amor!

Nem folha solta, nem travêssa aragem,
Toldando o lago, baloiçando a flor,
Nada ali vinha desfazer a imagem,
Quebrar o espelho, perturbar o amor.

Assim viviam; mas foi breve o espaço,
Que um vento rijo despregára a flor,
E sobre o lago, que par'cia de aço,
Ergueu-lhe as vagas de baldado amor.

Ai! vida minha, crystallino lago,
Ai! tu, que eras debruçada flor,
De vós só resta, em namorado afago,
Doce memoria de encantado amor!

João de Lemos.

O EREMITA DO CABO DE SANTO ANGELO, NA GRECIA

Na extremidade do cabo de Santo Angelo, que se mette muito pelo mar, começa a estreita passagem que os timidos marinheiros evitam, deixando-lhe a ilha de Cerigo á esquerda. Este cabo é o das tempestades para os maritimos gregos; sómente os piratas o affrontam, por saberem que ninguem ali os irá perseguir. O vento róla com tanta força e impetuosidade do cabo para o mar, que, muitas vezes, arrasta comsigo enormes pedras da montanha até á coberta dos navios.

No declive escarpado e inaccessivel do rochedo que fórma o dente do cabo, dente aguçado pelos furacões e pela escuma das ondas, o acaso suspendeu tres rochedos destacados do cume, e detidos pelo semi-declive na sua descida; estão ali como um ninho de aguias, inclinado para o abysmo escumante dos mares. Um bocado de terra vermelha, detida pelos tres desiguaes rochedos, sustenta cinco ou seis figueiras definhadas, que pendem, com os seus ramos tortuosos e as suas largas folhas pardacentas, para o vortice ruidoso que redemoinha a seus pés.

O olhar não póde distinguir nenhum atalho, nenhuma escarpa praticavel, que conduza a qualquer pequeno cómoro vegetante.

Todavia, nota-se uma casinha baixa junto das figueiras, casinha parda e sombria como a rocha que lhe serve de base, e com que se confunde á primeira vista. Sobre o seu tecto liso eleva-se uma pequenina torre, egual á dos conventos de Italia, e onde se vê um sino. A' direita, avistam-se antigas ruinas, alicerces de tijolo vermelho, e algumas arcadas conduzindo a um pequeno terraço que se estende em frente da casa.

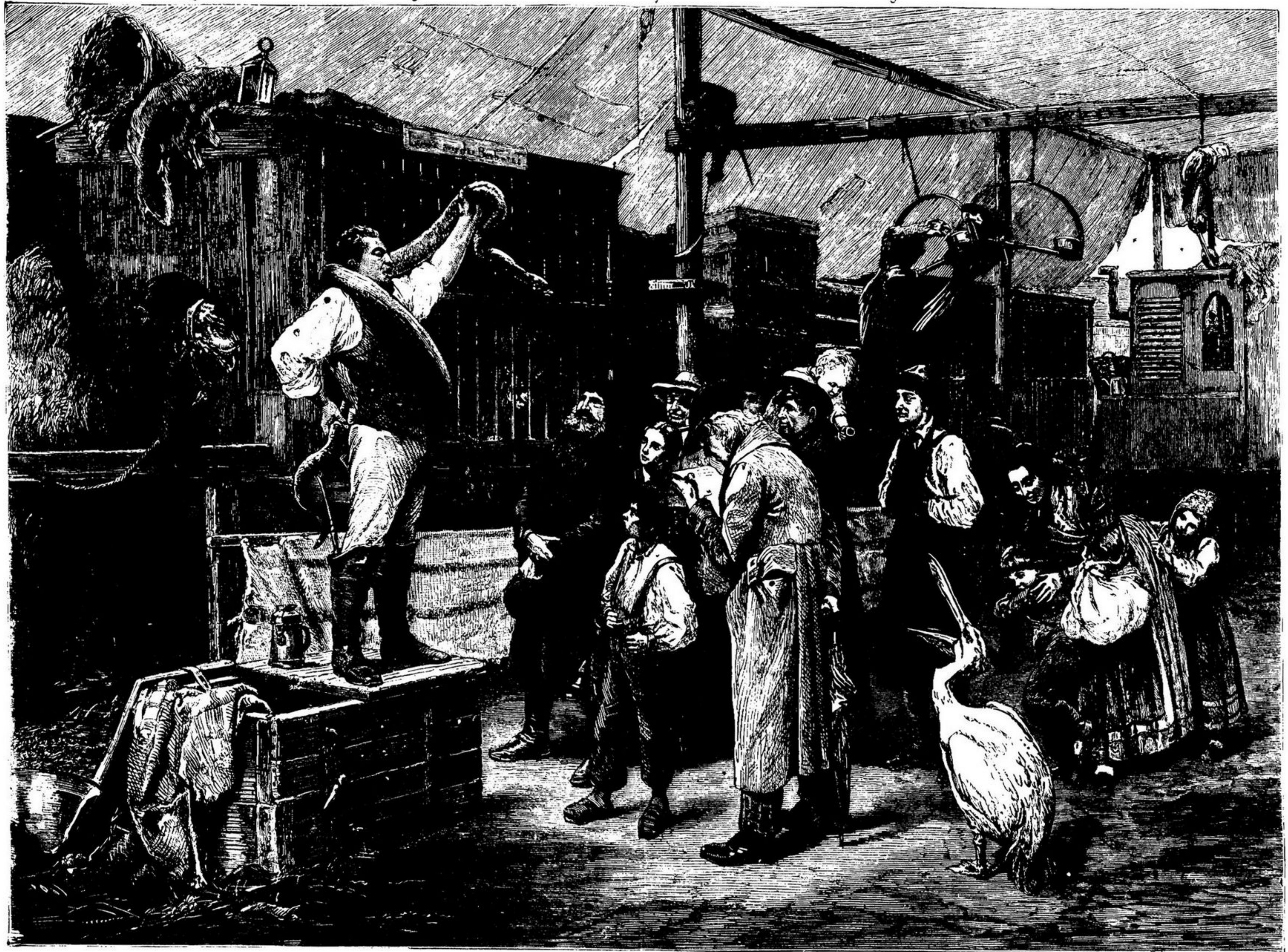
Uma aguia receiaria voar n'um tal sitio, sem um tronco d'arvore, sem uma simples moita onde podesse abrigar-se do vento que ali brame sempre, do eterno mugido do mar que se despedaça, da escuma que lambe continuamente o rochedo polido, sob um céo vermelho e ardente.

Todavia, um homem fez o que a propria aguia teria difficuldade em fazer: escolheu um tal asylo, vive n'elle.

Vimol-o: era um eremita.

Dobrámos de tão perto o cabo, que distinguimos a sua longa barba branca, o bordão, o rosario, o seu capuz de feltro escuro, similhante aos que usam os marinheiros, no inverno.

Poz-se de joelhos logo que nos viu; conservou-se n'esta posição em quanto passámos, com o rosto voltado para o mar, como implorando o soccorro do céo para os que ousavam aventurar-se em sitio tão perigoso.

BORRANDO-LHE A PINTURA (Quadro de Meyer von Bremen)

O DOMADOR DE FERAS

(Quadro de Paulo Mcyerheim)

ULTIMOS MOMENTOS DO IMPERADOR DA ALLEMANHA, FREDERICO II (Quadro de Alexandre Zick)

O vento, que furiosamente se solta das gargantas da Laconia, logo que se dobra o cabo, começou a agitar as vélas do nosso navio, a fazer vacillar e cambalear a embarcação, e a cobrir as aguas de escuma. Um novo mar abriu-se ante os nossos olhos. O eremita subiu, a fim de nos seguir mais longe com o olhar, á crista d'um dos tres rochedos, e distinguimol-o ali, de joelhos e immovel, em quanto o cabo não desappareceu.

Quem era aquelle homem?

Para escolher tão terrivel paragem não seria preciso que a sua alma fosse por tres vezes illudida?

Para viver n'aquelle ninho d'abutres, só, em presença d'um horisonte sem limites, dos furacões e dos mugidos do mar, não se ria preciso que o seu coração e os seus sentidos estivessem saciados de fortes e eternas emoções?

O unico espectaculo que o preoccupava era, de tempos a tempos, algum navio que passasse, o estalar dos mastros, o rasgar das vélas, o canhão dando o signal de perigo, o clamor dos marinheiros em risco de morte...

Seja como fôr, não era um homem vulgar aquelle que sentiu a necessidade de se amparar, como a trepadeira, ás escabrosidades d'um abysmo, e de se balancear ahi durante a sua vida, escutando o tumulto dos elementos, a terrivel harmonia das tempestades, a sós com a sua idéa, em presença da natureza e de Deus.

(Lamartine)

Lisboa—1884.

D. Isabel Maria Lopes de Mendonça.

AS NOSSAS GRAVURAS

A TARDE, AO POR DO SOL

A hora poetica do sol posto, quando o ceu começa a povoar-se de sombras densas, e entre a ramagem do arvoredo perpassam como que uns ternos e vagos segredos amorosos, de envolta com o arrulho suave das auras fugitivas, não é para estranhar que o moço caçador da nossa estampa diga umas coisas acariciadoras e apaixonadas á bonita pastorinha com quem se encontrou casualmente, no caminho da herdade.

Não causará estranheza, tambem, que ella escute essas «bonitas fallas»—como se diz em linguagem campezina,—e que abandone a mão ligeiramente trémula ao garboso matador de rôlas e de corações.

Se a hora convida a esses abandonos, e aquella paragem solitaria é tão deliciosamente poetica!...

BORRANDO-LHE A PINTURA

Em quanto, lá dentro, o dono da casa, um pintamonos de torna viagem, se entretem a acariciar modelos vivos, cá fóra, no improvisado *atelier* do quintalejo, tres garotitos que passavam para a escola e que encontraram a porta aberta, divertem-se em borrar-lhe a pintura postada no cavallete.

E' a eterna travessura dos rapazes castigando a eterna *lamechice* dos homens.

Bem feito!

OS ULTIMOS MOMENTOS DO IMPERADOR DA ALLEMANHA, FREDERICO II

Não comporta o nosso pequeno semanario longas biographias e estiradas dissertações historicas. Limitar-nos-hemos, portanto, a dizer quem foi a figura principal do quadro, cujo nome serve de epigraphe a este ligeiro esboço biographico.

Frederico II nasceu em 1194 e era filho de Henrique VI. Reinou na Allemanha, na Sicilia e em Jerusalem, passando por um dos principes mais instruidos do seu tempo.

Em 1245, depois de lhe ter sido lançada a excommunhão pelos Papas Gregorio IX e Innocencio IV, foi esbulhado de todas as suas corôas e batido na Italia pelos habitantes de Parma.

Cheio de desgostos, o Imperador Frederico II morreu subitamente, no anno 1250.

A nossa gravura representa-o quasi moribundo, dictando as suas ultimas vontades.

Attribuem-se a este monarcha varias obras em latim, arabe e italiano, muito notaveis.

O DOMADOR DE FERAS

Explica-se por si o quadro: basta ler-lhe o titulo e contemplar a sua principal figura, um alentado domador de tigres, elephantes e giboias.

O mais curioso da estampa não é a exhibição de feras domadas; é a galeria de typos que admiram, boquiabertos, aquelle espectaculo nunca visto, com o assombro desenhado nos rostos e o espanto pintado no olhar.

Se ainda existisse a inquisição, iriam denunciar o domador ao Santo Officio, como feiticeiro.

O RIO ZEZERE

O rio Zezere corre por entre amenissimos valles, que cercam a montanha sobre a qual está assente a villa de Pedrogão Grande, na provincia da Extremadura, districto administrativo de Leiria, a 8 legoas, noroeste da cidade de Thomar.

As aguas do rio Zezere rolam por cima de rochas, produzindo melancholico susurro. Parece que sobre ellas se despenham as fragas e os arvoredos da serra, sobre que está assente o edificio do extincto convento de Nossa Senhora da Luz.

C. D.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

J. M. C.—Valença.—V. ex.ª deve ter comprehendido que o nosso semanario está um pouco acima das suas quadras. E dito isto, é desnecessario acrescentar qualquer palavra mais. Mande melhor e será servido.

Cardate.—Menos maus, mas não chegam á craveira. Em todo o caso, mostra disposições, e ficarmos certos de que nos ha de enviar obra mais bem acabada, com o correr dos tempos.

J. C. Vasques—Porto.—Os brancos dão mate em 4 movimentos, ainda mesmo depois do movimento C. 6 D.; assim:

1.º—P. 7 T. R.—T. toma P.
2.º—C. toma T.—C. 6 D.
3.º—C. 6 B. R. cheque.—R. casa B. R.
4.º—B. 6 D. cheque e mate.

Se o rei, depois do movimento C. 6 B. R. cheque, fôr para casa da sua torre, não se dá mate em 4 movimentos, mas dá-se o mate.

A solução do 5.º problema é exacta.

F. A. de Barros.—Porto.—A solução do 5.º problema está certa.

EXPEDIENTE

A 2.ª charada do nosso ultimo numero deve ler-se assim: Esta medida na musica salta—1—1.

Tom Pouce.

CHARADAS

EM VERSO

As primeiras lá no mar—2
E as segundas sobre o lar—2
Em noite escura, leitor,
brilha, brilha com fulgor.

Cartaxo. T. R.

EM QUADRO

. . . . Cidade
. . . . Ave
. . . . No mar
. . . . Na geometria.

Belem. Dias.

NOVISSIMAS

E' adjectivo na musica este peixe—2—1.

Este fluido n'aquella provincia é um quadrupede—1—2.

Este cofre na garganta é um mysterio—2—1.

Em Roma este fructo é um passaro—2—2.

T. R.

Serve para guardar o animal feroz na botanica—2—2.

B. Cruz.

Na fabula este espirito maligno tem uma côrte no inferno—1—4.

Sendo similhante e quente tem a mesma temperatura—2—2.

X. Rodrigão.

PERGUNTA ENIGMATICA

O que é que se encontra nos arados, nos freios, nos vestidos e nas rodas dos carros?

Custodio Silva.

ADIVINHAS POPULARES

Sou uma coisa que só,
Não posso ter serventia,
E para fazer-me boa
Põem-me em má companhia.

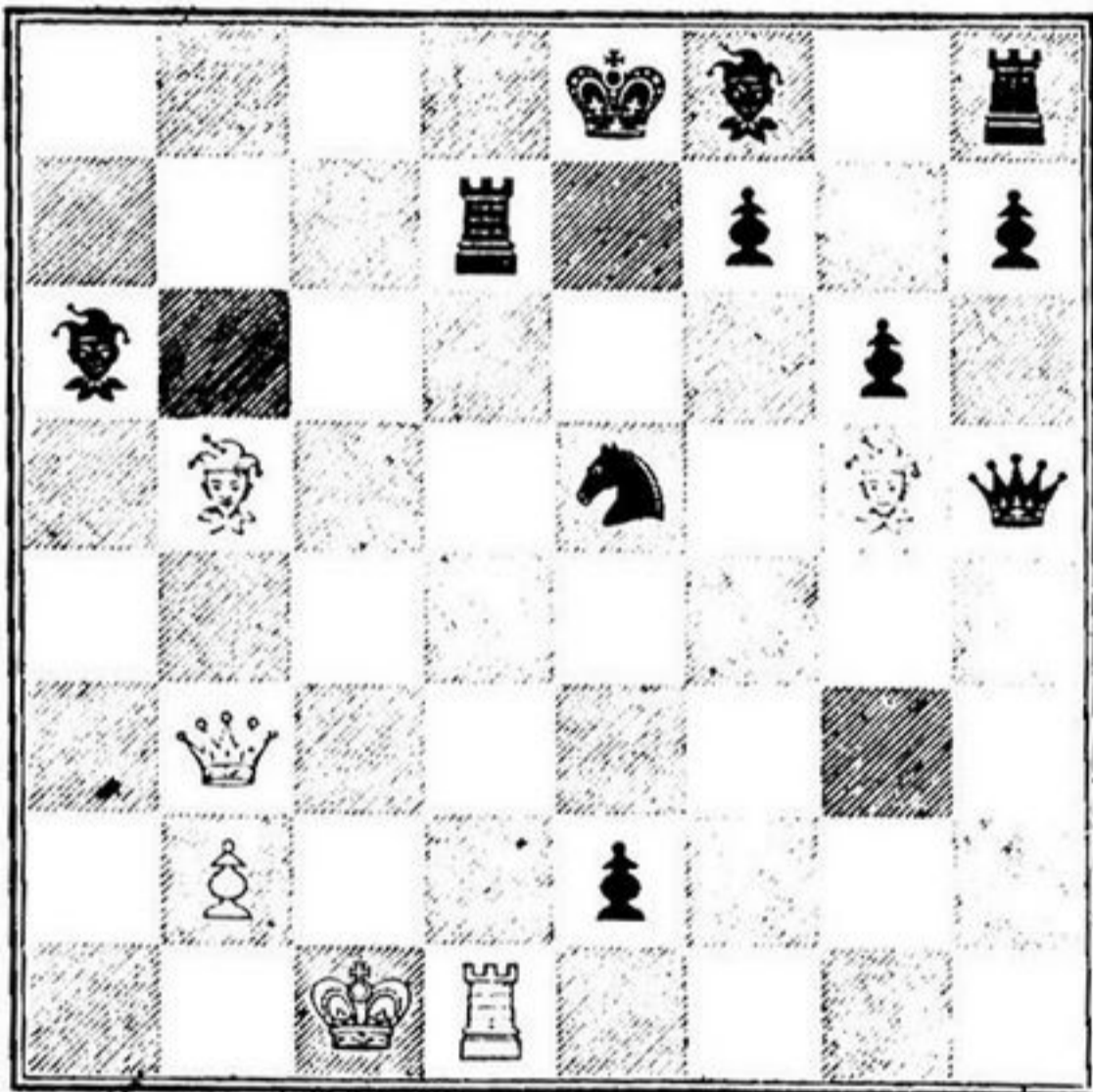
O que de mim se estimula
Commigo não se põe mal:
Quer na cama quer na mesa
Eu sirvo a muito mortal.

Dos cincos sentidos um
Fica de mim descontente,
Ando por valer a muitos
Na bocca e nos pés da gente.

Que é, que é que no monte nasce
E que no monte se cria
E, quando vem para casa,
Faz mais pena que alegria?

XADREZ

PROBLEMA N.º 7

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em tres movimentos.

N. B. Só suppondo aquelle movimento do rei preto, é que o mate é possivel; d'outro modo os pretos ganham.

PROBLEMA

(De Bhâscara)

D'un essaim de mouches à miel
Prends la moitié puis la racine:
Dans un champ de jasmins cette troupe butine.
Huit neuvièmes de tout voltigent dans le ciel.
Une abeille solitaire
Entend dans un lotus son mâle bourdonner:
Attiré par l'odeur, pendant la nuit dernière
Il s'etait fait emprisonner.
De combien est l'essaim, le saurais-tu, ma chère?

MORAES D'ALMEIDA.

A RIR

N'um estabelecimento de banhos.
—Rapaz! Rapaz!
—Meu senhor...
—Não encontro as minhas calças!
—Eu não sei d'ellas, senhor...

O rapaz procura em todos os cantos. Por fim, não as descobrindo, pergunta ao banhista, com a maior naturalidade:
—O senhor está bem certo de que as trouxe?

*

Um burguez indigena, ausente dos seus penates durante dois mezes, regressa a casa e examina o rol das despezas apresentado pela cozinheira.
—Que demonio! Você gastou tanto como se eu cá estivesse!
—Oh! meu senhor! Uma pessoa de mais ou de menos não faz nada ao caso!...

*

Na instrucção de recrutas:
O cabo instructor aos galuchos:
—Á voz d'alto, aproxima-se rapidamente o pé que está no chão d'aquelle que está no ar, e fica-se immovel.

*

N'uma rua da Baixa:
—Meu senhor, dê-me cinco réisinhos para comprar um pedaço de pão!
Calino dá ao pobre a moeda pedida, e diz-lhe:
—Aqui tem. Compre o pão, e beba á minha saude com o resto.

UM DOMINÓ.

DECIFRAÇÕES

Das charadas.
1.ª—Ema.
2.ª—Pula
3.ª—Mites.
4.ª—Aroma.
5.ª—Assim.
6.ª—Arara.
7.ªSola.
Odor.
Loto.
Aros.

Dos logogriphos:
1.º—Monarcha.
2.º—Tabernaculo.

Xadrez—Solução do 6.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. B. 8 B. R. cheque.	1. R. casa do B. ou casa do C.
2. C. 6 C. D. cheque ou C. 6 B. D. cheque.	2. R. casa C. ou do B. ou do T.
3. C. 6 B. D. cheque e mate ou C. 6 C. D. cheque e mate.	

Do problema:—11 horas.

UM CONSELHO POR SEMANA

Quem anda á chuva molha-se; e a quem tem por habito escrever muito, acontece-lhe manchar os dedos de tinta.

Certas tintas resistem ao sabão, sobre tudo as tintas sympathicas, as de anilina, etc.

Para tirar as manchas que ellas deixam, basta dissolver um pouco de sal d'azedas em agua, e lavar, com o liquido resultante, os sitios manchados.

A dissolução opera-se logo, a tinta torna-se avermelhada e desapparece.

Depois d'isto só resta lavar as mãos em agua pura, com sabonete.

CASA PARA ALUGAR

(JEANNE THILDA)

Suspenso da grade via-se um letreiro.

Atravez dos varões de ferro avistavam-se enormes taboleiros de rosas e hortensias, e interminaveis cortinados de glycinias e clematites, trepando ao longo das paredes e emmoldurando as janellas, guarnecidas de stores de seda escarlate. Á direita, um extenso jardim assemelhava-se a um parque; ao lado da casa estendia-se uma avenida, coberta de arvores, que a envolviam em uma meia luz deliciosa: perto da casa, uma fonte, coroada com um amor de pedra, espalhava no ar o murmurio, doce e monotono, do cair da agua; um pateo, ladeado de jarras de faiança, d'onde saiam grandes hastes de geraniums, conduzia aos quartos do rez do chão.

O aspecto, risonho e saudavel, da vivenda, encantou-me: quedei-me, por espaço de alguns minutos, encostada á grade, e pensei na ineffavel felicidade de viver ao lado de um ente querido, n'esse adoravel ninho, perto do formoso bosque de Chantilly, tão sombrio e tão vivaz.

Esquecera Paris, a agitação dos boulevards, o cheiro nauseabundo das ruas: tudo se absorvera no musgo dos bosques, na folhagem das heras, no seio das copadas nogueiras, lustrosas e perfumadas.

Uma voluptuosidade quente e sadia palpitava no meio d'esse quadro de verdura exuberante; as rosas multiplicavam-se por todos os lados e embalsamavam o ambiente com os seus calices divinos; as aves cantavam, assemelhando-se a um invisivel espirito, encarregado de reanimar no coração humano a luz da esperança e de o fazer entrever, atravez da scintillação das estrellas, a realidade dos sonhos...

*

De repente, soou-me aos ouvidos uma exclamação, um soluço suffocado! A distancia de alguns passos, avistei uma mulher muito pallida, chorando, encostada a uma arvore; ella viu-me e tapou a cara com as mãos: reconheci-a logo, á elegante parisiense, cujos frisados de um loiro doirado caiam sobre dois olhos de velludo: a pequena bocca rosada, igual a um bello fructo na polpa do qual se houvesse enterrado uma faca de marfim; a figura flexivel, desenhada por um bonito vestido cinzento prata, os torneados braços, occultos em compridas luvas de Suéde.

Sim, era ella, a pobre e encantadora mulher celebre, ferida pelo indelevel stigma de um processo fatal.

Temendo que o meu olhar a offendesse, afastei-me e fui bater á grade: a porteira abriu, e, a pedido meu, foi buscar as chaves da casa que eu queria ver.

Antes de entrar, olhei para a estrada: a mulher que chorava tinha desapparecido.

Percorrendo os quartos em que se dividia a propriedade, mais elegantemente mobilada do que é costume n'este genero de habitações, impressionou-me uma particularidade: tudo indicava a intima convivencia de duas pessoas, ligadas pelos mesmos pensamentos e pelos mesmos gostos: o feitio dos moveis e a desposição dos estofos equivaliam a um poema d'amor: os risos, as lagrimas, os arrufos, as reconciliações, as saudades, tudo transluzia do simples aspecto das flores murchas nas jardineiras, das musicas espalhadas em cima do piano, da desordem do gabinete de toilette, onde, misturadas com as cambraias e os espelhos, se viam espingardas de caça e punhaes do Japão.

Porque se teriam separado aquelles dois entes? Que inexoravel fatalidade os teria afugentado? e o meu coração apertava-se, descobrindo sobre um divan de seda um pequeno pantufo de setim escarlate.

Ao gabinete de toilette seguia-se a casa de banho, exhalando ainda um vago aroma de Lubin...

O mysterio do amor revelava-se ali, com todos os seus dolorosos jubilos.

Essa mulher, a quem a publicidade arrancara os ultimos véus, de quem os jornaes tinham violado os secretos pudores, apparecia-me como uma victima d'esse mundo, que ella affrontára, desvairada pela paixão. Nas delicias do seu Eden, presentira talvez o invisivel demonio que ia vibrar-lhe o golpe fulminante!

Interroguei a porteira:

—A casa alugar-se-ha exactamente como se acha? A pessoa que a habitava não quererá retirar nenhum objecto?

—Nenhum, que eu saiba. A senhora deu ordem para se pôrem os escriptos no dia da sua partida, e alugar-se em seguida.

—Perfeitamente: a casa convem-me; aqui está o signal; tomarei posse para a semana.

*

Saí! Ao voltar o cotovelo da estrada, encontrei-a face a face. Esperava-me: dirigiu-se a mim, e, sem preambulos, perguntou-me se eu ia habitar a *villa*.

Respondi affirmativamente.

—Perdoe, minha senhora, a minha indiscreta pergunta, mas a casa pertence-me, pertencia-me, emendou com esforço.

—Se assim é, disse-lhe francamente, pegando-lhe nas mãos, disponha de mim: que posso eu fazer para lhe ser agradavel?

Os seus olhos encheram-se de lagrimas.

—Vejo que é boa, comprehende o que eu padeço, conheceu-me: poderá dar-me uma grande felicidade?

—Já lhe disse, estou ao seu dispor.

—Pois bem, peço-lhe que volte ao quarto da cama: por detraz da pendula está um retrato, *o seu retrato:* daria annos da minha vida para o obter.

Sem responder, corri á casa e disse á porteira que tinha deixado, por esquecimento, a minha carteira de bilhetes de visita; subi a escada apressadamente, a porteira seguia-me, mas eu tinha azas, e o retrato já estava na minha algibeira quando ella chegou, offegante.

Dei uma desculpa, e desci a correr.

Estava no mesmo logar! De longe, mostrei-lhe o retrato; ella ergueu os braços, com uma indizivel expresão de ventura e reconhecimento; apoderou-se da photographia, e, sem se inquietar com o que eu poderia pensar, uniu-a apaixonadamente aos labios.

O retrato era de um homem moço, de aspecto banal, um *crevé* vulgar e correcto, o manequim aos pés do qual as mulheres, como ella, espalham o ouro da sua fantasia, as pedrarias do seu coração, os exquisitos aromas do seu fetichismo!

Notando a minha admiração, exclamou:

—Bem sei, o processo tornou-o odioso; chamaram-lhe cobarde porque fugiu n'essa funesta noite; não lhe restava outro recurso... em todo o caso, amo-o!

Estendeu-me a mão:

—Agradeço-lhe de todo o meu coração; fez-me experimentar uma grande alegria; espero tornar a vel-a!

*

Nunca mais a vi! Ouvi dizer, alguns annos depois, que outros amores lhe tinham feito esquecer o primeiro.

Nem por isso deixarei de guardar a visão encantadora d'essa infeliz mulher, chorando em frente da casinha que abrigara os seus juvenis amores; da patricia, expulsa do paraizo terrestre, e que, como uma ladra, vinha roubar o retrato do seu idolo.

A opinião publica foi implacavel para a pobre peccadora:—e não houve uma só alma que perdoasse as fraquezas do seu coração, em nome das lagrimas da sua dôr!...

ESMERALDA.

O RIO ZEZERE

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA